

MOSTRA DE AUTORES

Biografia

NILO PEÇANHA



Nasceu no dia 02 de outubro de 1867, em Morro do Coco, distrito do município de Campos dos Goytacazes – RJ, e faleceu em 31 de março de 1924. Filho de Sebastião de Souza Peçanha e Joaquina de Sá Freire Peçanha. Seus pais eram pequenos lavradores. Com os filhos já nascidos, resolvem se mudar para a cidade adquirindo aqui uma padaria. Nilo, ainda menino, ao mesmo tempo que ajudava o pai na padaria, se preparava para ingressar no Liceu de Humanidades de Campos. Ali cursou um ano, logo sendo transferido para a cidade do Rio de Janeiro, onde terminou o curso de Humanidades no colégio Alberto Brandão. Iniciou seus estudos superiores na Faculdade de Direito de São Paulo e os terminou na Faculdade de Direito do Recife, bacharelando-se em Ciências Jurídicas e Sociais. Regressa a Campos, onde começa a advogar aos vinte anos de idade.

Abraçou com entusiasmo a questão abolicionista e republicana, onde foi propagandista ardoroso da mesma.

Deputado, Senador, Presidente do Estado do Rio de Janeiro (duas vezes), vice- presidente da República na chapa de Afonso Pena. Assumiu a presidência da República por dez meses com a morte de Pena. Foi Ministro das Relações Exteriores. Foram mais de trinta anos de vida pública. Publicista, orador eloquente, escritor, parlamentar, administrador.

Morreu pobre, em 31 de março de 1924, aos 57 anos, na cidade do Rio de Janeiro.

“A vida de Nilo foi curta, mas fecunda; mais cheia de obras que de dias.”
(Muniz Sodré)

Obra:

Impressões da Europa (Suíça, Itália, Espanha) – 3ª edição – 1954

Discursos parlamentares (seleção para introdução de Celso Peçanha) – 1988

Política, Economia e Finanças – 1922

Fonte:

Revista da Academia Campista de Letras, 2009. Carvalho, Waldir P. de. Gente que é nome de rua, 1985.

JOSÉ CÂNDIDO DE CARVALHO



Nasceu em Campos, no dia 5 de agosto de 1914, e faleceu no dia 1 de agosto de 1989. Filho de Bonifácio de Carvalho, comerciante, e de Maria Cândido de Carvalho. Aprendeu a ler e a escrever num colégio situado à Rua do Ouvidor. Mais tarde matriculou-se no Liceu de Humanidades de Campos. Sempre sonhador, ainda jovem queria se usineiro, mas acabou se tornando funcionário da Leopoldina, pois, segundo ele, os chefes da estação pareciam uma espécie de donos de trem, por isso os admirava.

Em 1930, foi trabalhar no jornal A Folha do Comércio, onde escrevia notinhas de aniversários e casamentos. Logo se responsabilizou por artigos, onde manifestava seus pontos de vista.

Em 1937, formou-se em Direito, para alegria de seu pai, que sempre sonhara ver o filho doutor. Mas José Cândido logo descobriu que sua vocação era escrever.

Órfão de mãe, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde foi trabalhar como redator do jornal A Noite. Em 1959, quando o jornal fechou, foi trabalhar no Ministério da Indústria e do Comércio. Não se adaptando ao serviço burocrático, passa a trabalhar no jornal Diários Associados.

Seu livro, O Coronel e o Lobisomem, recebeu elogio de varias pessoas importantes do meio literário, entre elas a escritora Raquel de Queirós, que se referiu ao livro da seguinte forma: “O mais importante em O Coronel e o Lobisomem, além do gostoso, do divertido, do prazer que a leitura nos dá, é

outra qualidade de renovação por ele apresentada: um sopro novo, uma recauchutagem completa no aparentemente exausto regionalismo brasileiro. Em resumo: um grande coronel e um grande livro.”

Em 1 de outubro de 1974, José Cândido de Carvalho toma posse na Academia Campista de Letras, que fora ocupada pelo acadêmico Hebert Salles.

Devido ao grande sucesso do livro O Coronel e o Lobisomem, o “Lobisomem” virou garoto propaganda, anunciando determinado produto na TV. Mais do que isso, a história contida neste livro tornou-se enredo de um filme, com cenas rodadas no município de Campos.

Obra:

Olha para o Céu Frederico! (romance) – 1939

O Coronel e o Lobisomem – 1964

Ninguém mata o Arco-Íris – 1972

Manequinho e o Anjo de Procissão – 1974

Os Mágicos Municipais – 1984

Porque Lulu Bergantim não atravessou o Rubicon (3ª ed) – 1974

Um ninho de mafagafos cheio de mafagafinhos – 1972

Discursos na Academia (+ Herberto Sales) sessão em 01/10/1974

Se eu morrer telefone para o céu – 1979

Gil no Cosmos (texto em português – Baseado no Original de A. Mortel)

Fonte:

CARVALHO, Waldir P. de. Gente que é nome de rua, 2001.

AMARO PRATA TAVARES



“Sòzinho sei que sou nada.

Um simples elo-sòmente –

Mas a outros elos ligados,

Formarei forte corrente.”

Nasceu a 24 de janeiro de 1926, em Conceição de Macabu e faleceu em 11 de julho de 1994. Filho de Castro Tavares da Silva e Izaltina Prata Tavares. Dos 4 aos 6 anos viveu em Siqueira Campos, no Espírito Santo. Em Campos ficou até os 24 anos de idade, quando se mudou para o Rio de Janeiro, regressando a Campos em 1958. cursou o primário no colégio Santos Dumont, em Campos.

Fez o curso Comercial Básico na Escola Técnica de Comercio de Campos. Em 1946, ingressou no Colégio Batista Fluminense, onde concluiu o curso ginásial. No Rio estudou no Instituto Santa Rosa.

Pertenceu ao Clube de Poesia de Campos. Participou do grêmio Teatral Gastão Machado, do qual foi um dos fundadores. Fundou no Rio o grêmio Cívico-Literário “Euclides da Cunha”, do qual foi presidente. Obteve, em 1954, o prêmio “Almir Soares”, da Academia Pedralva de Letras, com o conto “A última cena”.

Pertenceu a U.B.E. seção do Rio de Janeiro, foi sócio efetivo da Academia Pedralva, vice-presidente de cultura da União Brasileira de Trovadores (UBT), diretor do Departamento de Difusão Cultural da prefeitura, diretor-chefe do

jornal “A Notícia”, editor e criador da revista “Momento Cultural”, presidente do grupo Uni-Verso, foi membro do Instituto Campista de Literatura.

Obra:

Seis poetas – 1959

Oito Trovadores – 1960

Seis prosadores – 1962

Passo e passo – 1973

Ato 5 – 1979

4 em 1 – 1986

fonte:

Noite do escritor Campista – 197

BENEDITO GONÇALVES PEREIRA NUNES



Nasceu em Campos dos Goytacazes, no dia 06 de dezembro de 1864 e faleceu no dia 15 de dezembro de 1934. Filho de Manoel Gonçalves Pereira Nunes Carlota Matilde Pereira Nunes. Aqui, cursou o primário e o preparatório, vindo a se formar em medicina, em 1907, pela Faculdade Nacional. De volta à terra natal, atuou em sua profissão destacando-se na mesma. Além de médico e político, era orador e jornalista.

Foi professor de Física e Química no Liceu de humanidades de Campos.

Foi prefeito de Campos por duas vezes, deputado estadual, federal e prefeito de Niterói. Como prefeito de Campos, remodelou, saneou e urbanizou a cidade. Construiu o Mercado Municipal, a Praça São Salvador e a Policlínica-Maternidade, hoje sede da Faculdade de Medicina de Campos, integrada à Fundação Benedito Pereira Nunes.

Em Niterói, como prefeito, procurou modernizar a então capital do Estado do Rio de Janeiro.

Obra:

A velhice (seu aspecto médico-social) – 1931

Catálogo da Biblioteca Municipal de Campos (organizado quando prefeito) – 1929

Fonte:

CARVALHO, Waldir P. de. Gente que é nome de rua, 1985.

JOSÉ CARLOS DO PATROCÍNIO



Nasceu em Campos em 1853 e faleceu em 1903. Filho da escrava Justina Maria do Espírito Santo e do vigário João Carlos Monteiro. Passou grande parte de sua infância na cidade e numa fazenda em Lagoa de Cima.

Matricula-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, não no curso de medicina, como era de seu desejo, mas no de farmácia, vindo a concluí-lo em 1874. Neste tempo já revelava talento para as letras, sobretudo para a poesia e jornalismo.

A sua grande paixão era a causa abolicionista, e esta paixão deu sentido a sua vida e a sua luta.

Em 1880, morre o grande abolicionista conservador, Rio Branco, e Patrocínio foi escolhido para fazer a homenagem póstuma do visconde. Nesta mesma época surgem os jornais “O Abolicionista” e a “Gazeta da Tarde”.

José do Patrocínio foi um dos maiores jornalistas brasileiros, figurando ao lado dos principais vultos de sua época tais como Joaquim Nabuco, Joaquim Serra, Quintino Bocaiúva e Rui Barbosa. Foi fundador da Academia Brasileira de Letras.

Obra:

Motta Coqueiro ou a Pena de Morte – 1ª edição – 1877

Os Retirantes I e II (publicados pela 1ª vez em 1879) – 1973

Pedro Hespanhol – 1884

Motta Coqueiro ou A Pena de Morte – Introdução de Silviano Santiago, apêndice de Dirce Cortes Riedel – 1977

Comemorações do Centenário do Translado para Campos e do Sesquicentenário – 1977

Um monarca da Fazenda – 1993

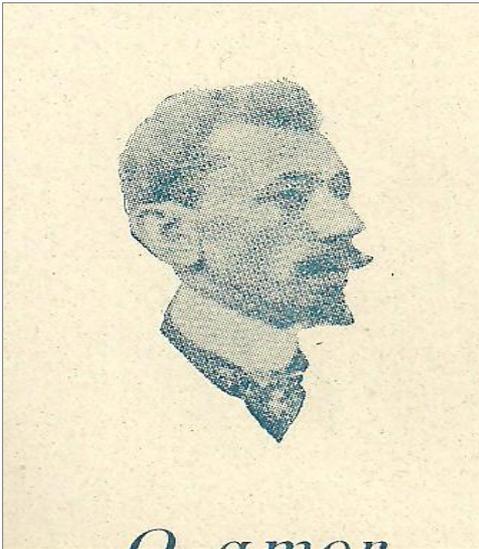
Prefacio do livro de Antão Vasconcelos – Memoria

Fonte:

Revista da Academia Campista de Letras - 2009

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:José_do_Patrocínio.jpg

JOÃO ANTONIO DE AZEVEDO CRUZ



AMANTIA VERBA

“Campos formosa, intrépida amazona

Do viridente plaino goitacás!

Predileta do luar como Verona,

Terra feita de luz e madrigais!”

Nasceu na localidade de Lagoa de Cima, Freguesia de Santa Rita, em Campos, no dia 22 de julho de 1870 e faleceu no dia 22 de janeiro de 1905, adoentado, aos 34 anos de idade, em Nova Friburgo, RJ, sendo seus funerais em Campos. Estavam presentes várias autoridades. Era filho de Joaquim Antonio de Azevedo Cruz.

Estudou no Liceu de Humanidades de Campos e cursou a Faculdade de Direito no Rio de Janeiro e em São Paulo. Voltou para Campos onde passou a exercer a profissão de advogado. Atraído pela política foi eleito deputado e, posteriormente, tornou-se chefe de polícia do Estado. Os críticos de sua época lamentaram o fato de ele ter abraçado essas duas frentes em detrimento da sua produção como grande poeta que era. Azevedo Cruz foi poeta lírico, sentimental, soube exaltar a natureza e falar de paixões. Foi também teatrólogo e jornalista. Escreveu duas revistas teatrais, abordando acontecimentos de Campos, que obtiveram bastante sucesso.

Azevedo Cruz pretendia reunir num livro seus versos, porém não chegou a fazê-lo. Seus versos estavam publicados nas páginas dos jornais da época. Seus amigos, porém, os colecionaram e os publicaram num folheto sob o título Profissão de Fé, e entre outros, Amantia Verba (Hino do Município).

Obra:

Profissão de fé (versos) – 1901

Sonho (poesia)– 1943 (edição da ACL)

Ontem e Sempre os cantos do Paraíba (Revista Esp-Campos) nº 13 - 1983

Benta Pereira – Revista em 3 atos – representado pela 1ª vez no Theatro São Salvador – 1899

Terra da Goiabada – Revista teatral em versos com Álvaro de Azevedo Sobrinho

Fonte: CARVALHO, Waldir P. de vol 01, pag. 189;

BARROS, Jasmie de, Espelho dos livros pag. 377;

SIQUEIRA, Walter, Momento cultural nº 2;

PAIXÃO, Múcio, Movimento Literário em Campos;

Guia geral da cidade de Campos;

Pantheon de Glórias Campistas;

CARVALHO, Waldir P. de, Campos depois do centenário;

Resgate da história do Cemitério do Caju.

- **ALBERTO FREDERICO DE MORAIS LAMEGO**



Nasceu em Itaboraí – RJ, em 9 de outubro de 1870 e faleceu no ano de 1951, no Rio de Janeiro, sendo sepultado em Campos. Filho de Jose Maria de Moraes Lamego e Sophia Jardim Lamego.

Após concluir os cursos preparatórios no Rio de Janeiro, matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife – PE, e, concluiu o curso na Faculdade de Direito de São – SP, em 1892.

Após formado, regressou ao Rio de Janeiro para exercer a profissão. Em 1894, mudou-se para Campos, onde deu continuidade ao seu trabalho como advogado.

Em Campos, foi despertado o seu gosto pela história da região. Procurou, então, adquirir documentos relacionados às nossas tradições populares e crônicas da nossa capitania.

Em junho de 1906, partiu com a sua família para a Europa, onde morou por algum tempo em Lisboa, depois em Bruxelas e por fim em Londres, até o ano de 1920.

Durante sua permanência na Europa começou a frequentar os grandes arquivos, como a Torre do Tombo e o arquivo Ultramarino, de Lisboa. Ali adquiriu inúmeras cópias de documentos relativos a história do Brasil e em especial a história de Campos. Adquiriu, também, valiosa documentação em leilões de livrarias e em bibliotecas antigas, onde encontrou fontes para a sua obra, Terra Goitacá, editando os três primeiros números na Europa.

Foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Archeologico de Pernambuco, do Instituto Histórico de São Paulo, da Universidade Hispano-Americana, de Santa Fé de Bogotá, Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos.

Publicou seus estudos em vários jornais da região e do Brasil, bem como nas revistas do Instituto Histórico e da Academia Brasileira de Letras.

Obra:

Verdadeira Notícia da Fundação da Matriz de São Salvador e de seus Párochos de 1652 – 1925;

O levante de 1748 – Conferência pronunciada na Câmara Municipal em 1948;

Verdadeira Notícia do Aparecimento da Milagrosa Imagem de N. S, da Conceição (Cabo Frio) – 1919;

História da Santa Casa –1951;

História de Campos dos Goitacás, sob domínio dos donatários -1534-1753 – (Manuscritos – coleção de J. F. Carvalho –181 folhas)

ALBERTO RIBEIRO LAMEGO



Nasceu em Campos, em 9 de abril de 1896 e faleceu 16 de outubro de 1985, no Rio de Janeiro, onde residia, aos 89 anos de idade, vindo a ser sepultado em Campos. Era filho de Alberto Frederico de Moraes Lamego e Joaquina Maria do Couto Ribeiro Lamego.

Historiador como seu pai, que escreveu a celebre coleção “Terra Goitacá”, tornou-se mais conhecido como Lamego Filho.

Iniciou seus estudos em Campos, vindo a concluir o primário e o secundário no Colégio Campolide, em Lisboa, Portugal, e no Colégio Saint Michel, em Bruxelas, Bélgica, ambos de padres jesuítas, pois sua família passou a residir na Europa.

Em 1913, aos 27 anos, deu início ao curso de Engenharia de Artes, manufaturas e Minas na Universidade de Louvain, na Bélgica.

Em 1914 foi para Londres, Inglaterra, para fazer novos cursos. Kursou a Royal School of Mines do Impererial College of Science and Technology e o curso de Licenciado em Engenharia de Minas da Universidade de Londres, concluindo-os em 1918.

Em 1920, regressou ao Brasil onde foi trabalhar no serviço Geológico do Ministério da Agricultura.

Como Engenheiro de Minas, Geólogo, Geógrafo e sociólogo, foi diretor da Divisão de Geologia e Mineralogia do Departamento Nacional de Produção Mineral, Delegado do Brasil em vários congressos internacionais ligados a Geologia e a Geografia, vice- presidente da Comissão da Carta Geológica Internacional do Mundo, com sede em Paris, França, ex- vice-presidente da

União Internacional das Ciências Geológicas com sede em Copenhague, Dinamarca, entre outros cargos importantes no Brasil e no exterior.

Como escritor foi membro da Academia Fluminense de Letras, da Academia Campista de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico da cidade do Rio de Janeiro, do Instituto Pan-Americano de Geografia e História.

Ganhou vários prêmios com suas obras literárias.

Obra:

O levante de 1748 -

A Planície do Solar da Senzala – 1934 - 2º edição – 1996;

A Geologia de Niterói na tectônica da Guanateara – 1945;

O Homem e o Brejo – 1946 – 1ª edição e 2ª edição – 1974;

Muxuango e Mocorongo C. Fl. De Folclore ano IV Nº V- Março/1972;

O Homem e a Restinga – 1946 (I.B.G.E);

O Homem e a Restinga – 2ª edição realizada pelo autor – 1974;

Campos – Capital do estado do Rio de Janeiro – 1930;

Bibliografia (Apontamentos Bibliográfico) – Editado pelo C. M. de Geografia;

Acalanto de Airises

O Homem e a Guanabara (2ª Ed) I.B.G.E – 1964;

O Homem e a Serra – 1950 - (2ª Ed.) I.B.G.E – 1963;

Geologia das Folhas de Campos, São Tomé, Lagoa Feia e Xexé – 1955;

A Bacia de Campos na Geologia litorânea do Petróleo - 1944

Folha do Rio de Janeiro – 1948;

Escarpas do Rio de Janeiro (Ser. Geologia e Mineralógico) Boletim 93- 1938;

Restingas na Costa do Brasil (Boletim nº 96 e Mármore do Muriaé (RJ) Boletim nº 97) – 1940;

Theoria do Protogneis (Boletim nº 86) – 1937;

Crítica aos Historiadores sobre a antiga capitania de São Tomé (recorte de jornais) – 1947;

Revista da Ac. Brasileira de Letras – PJS – Vol IV- Janeiro/1912;

Síntese da Terra Goitacá (escrito pelo autor para A Gazeta)

As invasões Francesas no Rio de Janeiro

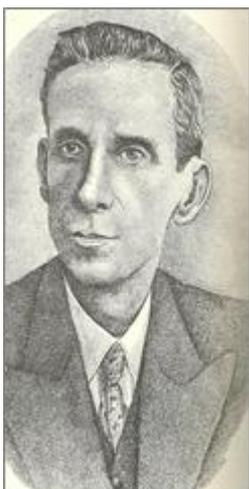
Fundação de Atafona e da igreja N. S. da Penha- (Livreto)

Macaé e luz de documentos inéditos.

Fonte:

CARVALHO, Waldir P. de. Gente que é Nome de Rua, 1988.

ALBERTO JOSÉ SAMPAIO



Nasceu em Campos em 05 de fevereiro de 1881 e faleceu no ano de 1946. Era filho de João José Sampaio, de origem portuguesa, e Leopoldina Decat Sampaio, de nacionalidade brasileira.

Alberto Sampaio iniciou seus primeiros estudos em casa, dando continuidade a este em Portugal, onde foi a passeio com seus pais e irmãos por cerca de um ano. Ao regressar ao Brasil, veio completar o primário em Campos. Fez o curso secundário no Liceu de Humanidades de Campos. Matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde cursou os dois primeiros anos. Interrompeu o mesmo para fazer um concurso para o cargo de Assistente de Seção de Botânica do Museu Nacional, onde obteve o 1º lugar. Mais tarde, voltou para terminar o curso de medicina, desta vez na Escola de Medicina e Cirurgia do Instituto Hahnemaniane do Rio de Janeiro, nas proximidades do museu.

Chegou a exercer a profissão de médico nos bairros do Rio de Janeiro. Mas deixou de clinicar para se dedicar a carreira de botânico. No Museu, dedica-se ao trabalho de Botânica, Geografia e Sociologia do Brasil, divulgando pesquisas europeias e resultados nacionais.

Foi membro efetivo de entidades ligadas a geografia e a botânica no Brasil e no exterior.

Foi um dos fundadores do Conselho Brasileiro de Geografia e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Além de médico, botânico, naturalista, sociólogo, geógrafo, professor era ensaísta e cultor do vernáculo do latim, do francês, do inglês e do alemão. Na Faculdade de Medicina de Campos, onde era membro efetivo e honorário. Era um dos poucos a receber o tratamento de professor pelos colegas.

Após 36 anos de serviços prestados ao Museu Nacional, aposenta-se e vem morar em Campos, onde continua produzindo seus livros sobre botânica e outros temas.

Obra:

Os Campos, asas do Cuminá e a phitogeografia do Brasil

(boletim do Museu Nacional) -1929

Biogeographia Dinâmica (a natureza e o homem no Brasil)– 1935

Bibliografia (apontamentos bio-bibliográficos) editado pelo Cons. Nacional de Geografia – ago/1943

Phitogeographia do Brasil – 1934

Phitogeographia do Brasil (3ª ed. Revista e aumentada) - 1945

A Flora Amazônica (artigo na Revista Brasileira de Geografia) - 1942

Inquéritos Geográficos (artigo na Revista Brasileira de Geografia)

Moldura Florística – As Obras de Engenharia Rural – 1941

Glossário de Botânica Sistemática – 1945

Observações botânicas e simultâneas sobre Atafona e a influência dos ventos

A alimentação sertaneja e do interior da Amazônia – 1944

Nomes vulgares de plantas do D.F. e Est. Do Rio de Janeiro - 1946

Fonte:

CARVALHO, Waldir P. de. Gente que é nome de rua, 1985.

- **ANTONIO ROBERTO FERNANDES**



Campos

*“Não sou nascido aqui, planície amada,
mas é como aqui nascido fosse,
pois tenho a minha alma impregnada
da brisa que te beija na alvorada,
e do seu cheiro refrescante e doce.”*

Nasceu na cidade de São Fidélis. Faleceu em 20 de novembro de 2008. Filho de Anleifer Leite Fernandes e Djanira Carvalho. Primogênito de uma família de oito irmãos. Aprendeu a ler em casa com o pai. Aos sete anos entrou na escola no interior, mas como era adiantado em relação aos colegas de classe, foi transferido para Escola Barão de Macaúbas no Centro de São Fidélis. Coursou o ensino fundamental e médio em sua cidade natal.

Após passar no vestibular para a Faculdade de Medicina, mudou-se para Campos. Não exerceu a medicina porque passou num concurso e assumiu a postura de bancário para ajudar na criação dos irmãos.

Poeta, trovador e escritor, Antônio Roberto Fernandes foi membro da Academia Fidelense de Letras, da Academia Pedralva Letras e Artes, da Academia Campista de Letras e representante da União Brasileira de Trovadores (UBT) em Campos. Fundou a Academia Infantil de Letras de São Fidélis.

Foi o idealizador do Café Literário, em Campos, e figura cativa dos eventos da Fundação Municipal Trianon. Com o projeto “Choro e Cia” e o grupo “Boa Noite Amor”, brindou o público com seu tradicional intervalo poético.

Exerceu diversas atividades públicas. Foi diretor da Biblioteca Municipal de São Fidélis, da Biblioteca Municipal Nilo Peçanha e do departamento de Literatura da Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima (FCJOL).

Obra:

Poesia, doce Poesia – 1978

Substantivo abstrato

Uma semana de sonetos – 1993

Os pratos da vovó – 2001

Potoc Potoc

Fonte:

Biblioteca Welligton

- **ARLETE PARRILHA SENDRA**



Nasceu em Cambuci – RJ. Poeta, professora titular da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, Laboratório de Ciências Cognitivas. Possui doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1997) e pós-doutorado em Semiótica pela Universidade de Salamanca. Tem experiência na área de Letras , com ênfase em Literatura Brasileira. Atuando principalmente nos seguintes temas: Ficção, Identidade Nacional, silêncio, linguagem, cultura, imaginário, semiótica, poesia.

É membro da Academia Campista de Letras.

OBRA:

A infância quer falar! (coordenação e revisão) - 1979

Locomotiva nº 4 – 1984

Locomotiva - 1986

Locomotiva nº 3 - 1989

Um certo Ponciano de Azeredo Furtado... de amores – 2004

Flutuações – 2002

Curriculum vitae – 2002

Homenagem a José Cândido de Carvalho – Idéias – 2005

Minha terra tem Quixotes - out/nov/2005

Fonte:

www.orkut.com > ... > [Discutindo Literatura](#) > [Fórum:](#) (acessado em 27/07/11)

JOEL FERREIRA MELO



Nasceu em Campos a 4 de junho de 1935. É filho de Francisco José de Mello e Francisca Ferreira Mello. Estudou em vários colégios de Campos: Escola D.

Pedro II (na fazenda Santa Terezinha), Externato Imaculada Conceição. Concluiu o ginásio em 1952, no Ginásio São Salvador. Entrou para o Liceu de Humanidades de Campos em 1953 para fazer o Científico, mas não pôde concluí-lo, pois teve de prestar serviço militar no Forte Marechal Hermes, em Macaé. Naquela cidade foi membro do Clube de Poesia. Em 1955, deu continuidade aos estudos no Colégio Batista Fluminense. Em janeiro de 1956, muda-se para o Rio de Janeiro, onde concluiu o Científico no Colégio Frederico Ribeiro.

Foi eleito para a Academia Pedralva de Letras, vindo a ocupar a cadeira de Tomé Guimarães. Participou do 1º Salão Fluminense de Poesias, ministrou aula no “Curso de Poesia” da Academia Pedralva. Realizou varias conferências.

Obra:

Ensaio nº 1 de Poesia

Regionalismo e Universalismo na moderna poesia brasileira

Conquistas estéticas do modernismo

Encantamento – 1954

Seis poetas – 1959

Prover (Projetos diversos autores campistas) e outros – 1985

Da condição de existência ao luto do desejo na enunciação de um ser – poema – 1975

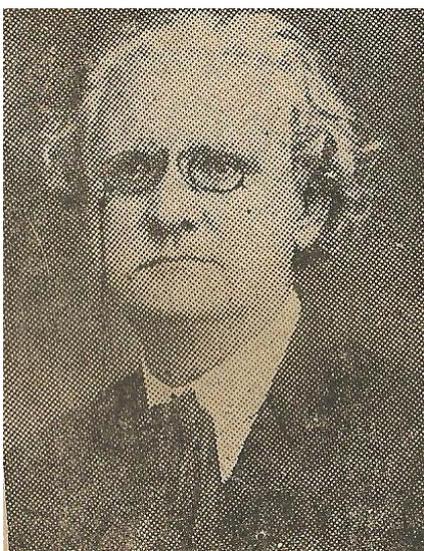
Tensões da Identidade Nacional – em texto telas e filmes Sec XX – 2003

Cerne em sede – 2005

Fonte:

Noite do escritor campista – 1973

MANUEL MÚCIO DA PAIXÃO SOARES



Assim escreveu Múcio da Paixão em sua autobiografia: “Nasci em Campos, a 15 de abril de 1870; eduquei-me no Colégio São Salvador, de Epiphânio Reis, e no Liceu Azurara. Comecei minha vida, aos 11 anos de idade, entrando para o comércio do Rio de Janeiro, onde trabalhei durante cinco anos, em um armazém de fazendas por atacado. Voltei à minha terra natal, em 1885 e aqui tenho vivido do meu trabalho, porque nessa escola fui criado por meu pai. Em 1890 entrei para o escritório comercial “AU LOUVRE”, onde me conservei até fins de 1897; em 1895 fui nomeado para reger a cadeira de Escrituração Mercantil do Liceu de Humanidades, e em 1912 fui nomeado para reger as cadeiras de História Universal e História do Brasil.”

Sua obra literária abrange vários setores: Artigos diversos pela imprensa, críticas, ensaios, obras sobre teatro e trabalhos didáticos.

Por trinta anos dedicou-se à imprensa campista, onde publicava seus artigos nas páginas do “O Monitor Campista”, “A Republica”, “O Tempo”, “A Gazeta do Povo”, “A Aurora”, “Genesis”, entre outros. Artigos, esses, aos quais colecionava por assunto e os transformava em livros.

Era membro da Academia Fluminense de Letras; um dos fundadores da Associação de Empregados do Comércio de Campos. Ao falecer aos 56 anos, era presidente do Centro Fluminense de Imprensa.

Obra:

Correspondências pessoais – material deixado na Biblioteca por ocasião das comemorações de nascimento (centenário) – 4/70

Os theatros de Campos – 1919

Espírito alheio – 1916

Movimento literário em Campos – (OR) - 1924

Medicinaphobia de Moliere – Revista Brasil nº 90, 91, 93, 95 – 1923

Tipos, curiosidades e esquisitices dos homens celebres – 1922

Uma actriz campista (Deolinda da Silveira 1832-1860) - 1904

Theatro no Brasil (obra póstuma) – 1936

Teatro fluminense, autores, as tintas, temporada o publica conferencia (Revista da Acad. Flum. de Letras - 1905) – 1923

Scenographias alguns aspectos do teatro carioca – 1905

Fonte:

Revista da Academia Campista de Letras, 2009.

ORÁVIO DE CAMPOS SOARES



Nasceu em Campos, em 21 de junho de 1938. Fez as primeiras letras na Escola Estadual XV de Novembro, o curso de Artes Gráficas na Escola Técnica Federal de Campos (atual IFF) e o segundo grau no Centro Educacional Nossa Senhora Auxiliadora (CENSA)

Possui graduação em Comunicação Social pela Faculdade de Filosofia de Campos - FAFIC (1981) e mestrado em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ (2002). Atualmente é coordenador do curso de jornalismo da Faculdade de Filosofia de Campos, articulista - Plena Editora Gráfica e professor titular da Faculdade de Filosofia de Campos. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Folkcomunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: cultura popular, comunicação, imprensa, folkcomunicação e memória.

Jornalista, atuou nos seguintes jornais: A Cidade, Reportagem, Correio de Campos e Folha da Manhã, onde ainda atua como repórter especial. Atualmente, é Presidente da Associação de Imprensa Campista e Secretário de Cultura do Município de Campos.

Criou e dirigiu, durante anos, o Teatro Escola de Cultura Dramática, dirigiu o Núcleo de Arte e Cultura de Campos (Cia. Gente de Teatro), integra a Rede Brasileira de Folkcomunicação e a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinas da Comunicação Intercom.

Na FAFIC, além de professor do curso de Jornalismo, coordena o Núcleo de Iniciação à Pesquisa Científica em Comunicação – NIPEC.

Autor de 11 peças de teatro, tais como: “O Auto do Lavrador na volta do êxodo”, “O Auto da Anunciação”, “Apenas Amigos” e “Favela Ponto 5”; das

revistas, “Boulevard de Cabo a Rabo” e “A Magia do Trianon”; da pesquisa, “Teatro como Arte Universal”, versando sobre a dramaturgia infantil.

Possui vários prêmios e títulos, Jornalista Destaque do Ano, Associação de Imprensa Campista - AIC. (2004), Comendador, Academia Campista de Letras- (2004) - ACL., Melhor peça teatral (Favela Ponto 5), Associação Regional de Teatro - ARTA. (2003), Prêmio Anchieta de Teatro, Wilson de Oliveira Promoções/Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes (2000), Prêmio de Cultura Alberto Ribeiro Lamego, Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes (1996). Medalha do Mérito Tiradentes, Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (1994), entre outros.

Pertence a Academia Pedralva de Letras e Artes, Academia Campista de Letras e do Instituto Histórico de Campos.

Obra:

O Teatro como arte universal – 1980

Muata Calombo consciência e destruição – 2004

Fonte:

SOARES, O. C. Muata Calombo consciência e destruição – 2004

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0183257372132736> (acessado em 28/09/11)

OSÓRIO MANOEL PEIXOTO DA SILVA



Nasceu em Campos em 07 de março de 1931 e faleceu em 10 de junho de 2006, em Cachoeiro do Itapemirim (ES), onde estava residindo. Filho de

Manoel Barbosa da Silva e Maria das Dores Barbosa. Coursou as primeiras letras, não chegando a fazer cursos superiores.

Já aos 16 anos trabalhava no jornal A Notícia, passando por outros – A Cidade, Monitor Campista, Correio de Campos, O Dia, e jornais de São João da Barra. Aos 20 anos foi para o Rio, iniciando-se na Imprensa Popular, jornal de esquerda, perseguido pela polícia. Foi para a Última Hora, de Bocayuva Cunha, que revolucionara o jornalismo. Ali, foi autor do “furo” (um passageiro do trem da Leopoldina, viajando de Vitória para o Rio comeu um filé de carne bovina e passou a falar fino e virou bicha, de onde a polêmica sobre engorda de boi com hormônio feminino) que originou muitas piadas de âmbito nacional e inspirou a marcha carnavalesca “Boi da Cara Preta” (coitado do Waldemar, tá dando o que falar. Comeu carne de boi falou fino e deu pra se rebolar).

Mais tarde foi correspondente de O Globo, noticiando a descoberta de petróleo na bacia de Campos, que repercutiu internacionalmente.

Depois de quase 30 anos de jornalismo profissional, inventou de escrever, iniciando-se na literatura de Cordel, que inovou, intercalando prosa e verso. Poeta, cordelista, romancista, historiador. Sua preferência é o verso livre, repassado de ternura e preocupação social, um tanto ativista e contestadora, denunciando suas origens.

Em 1994, recebeu o prêmio “Jose Marti”, da Casa Cuba-Brasil, pelo conjunto da obra literária; em 1996 recebeu em Campos, também pelo conjunto da obra, juntamente com José Cândido de Carvalho e Hervé Salgado Rodrigues, o prêmio “Alberto Ribeiro Lamego”.

Foi tido como o escritor-proletário, não só pelo fato de ter sido militante do socialismo, mas pelo fato de editar seus livros com grande dificuldade — pelo menos em relação aos cordéis — saía ele mesmo pelas ruas vendendo seus escritos.

Obra:

Historias da Abolição (em versos) – 1973

História do Liceu de Humanidades de Campos – 1980

Mangue –

O Frade e a Freira – 1982

Copacabana nuinha em pêlo – 1983

Os momentos decisivos da história dos Campos dos Goitacazes – 1984

O Frade da moça bonita

O Urural da Lapa – (1ª ed.)- 1976

A Lama da morte (cordel) -
O Incendiário de Atafona (cordel)
Garotinho, esperança do povo (cordel) – 1987
O cordel do jogo de bicho
O galo favelado – 1987
O Ururau da Lapa e outras estórias – 1976
A Rua do Homem em Pé – 1989
Luiz Gordo, uma vida sem destino –
O nosso Alair Ferreira – Zé de Campos –
O Ururau da Lapa e outras estórias – aumentado com o O Frade e a Freira (4ª ed.) – 1991
O Patinho Feio – (adaptação) -
Tiradentes – 1992
500 anos de Campos dos Goytacazes – 2003
Poemas de amor e o lanque – 1994
Ururau – Grupo de teatro Delta –
Esquizofrenia – O novíssimo testamento – 1997
Bela Joana, a filha do sapateiro – 1999

Fonte:

RODRIGUES, Hervé Salgado. Na taba dos Goytacazes, 1988.

www.palavrarte.com/equipe/equipe_osorio.htm - [Em cache](#) (Acessado em 01-08-11)

PEDRO BATISTA MANHÃES



“Eu não me julgo tristonho
E nem de crença perdida,
Pois nunca me faltou sonho
Nem esperança na vida.”

Nasceu em Campos dos Goytacazes, em 24 de janeiro de 1919. Filho de Manuel Batista Manhães e Romana Batista Manhães.

Fundou a Academia Pedralva em 20 de fevereiro de 1947, com Walter Siqueira e Almir Soares, tendo exercido nela os cargos de presidente (1958 a 1960), tesoureiro e bibliotecário; membro da Academia Friburguense de Letras, da Academia Cultural Humberto campos, do Instituto de Cultura Americana, Tolosa, Argentina; delegado regional do Grêmio Brasileiro de Trovadores; membro da Sala de Letras e Artes “Gabriela Mistral” de Petrópolis; membro da Academia Cachoeirense de Letras.

Recebeu o Prêmio “Almir Soares”, 1957, com o conto “Chidia”.

Obras:

Diana – 1949

Quadros e Quadras – 1954

Brindes – 1956

Cantigas do Outono (Poemas) – 1958

Restos – 1959

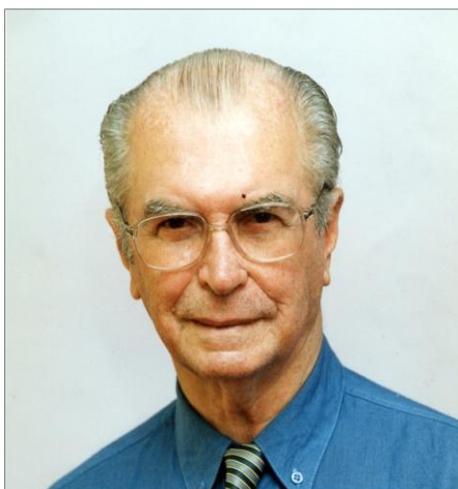
Seis poetas – 1959

Dores que eu também sinto – 1960
Oito trovadores – 1960
Cantiguinhas (trovas)– 1961
Maria (trovas) – 1961
Seis trovadores (parceria) – 1962
Cantigas de quem tem fé – 1962
Ainda há lírios no bosque – 1964 (3)
Quadras de adolescência – 1969
Cinquentão – 1971
Perto de Deus – 1971
Vinte canções de amor do mesmo tom – 1981
Para ver você passar (poema) – 1982
Querida – 1984
Leve...Livre... Ligeiro... – 1985
Nós dois... Anete – (poemas) – 1987
Em família (versos) – 1988
Domingo também é dia... (organizado da coletânea) – 1981
Mario Fontoura – A obra e o homem (palestra) - 1979
Rosa e saudade -
Segredo -
Prosa sem compromisso -
Maria – 1960
Almas pecadoras -

Fonte:

Biblioteca Wellington Paes

WALDIR PINTO DE CARVALHO



Nasceu na Baixada Campista. Faleceu em 31 de dezembro de 2007. Sua trajetória literária teve início no final da década de 1940, quando se tornou produtor de rádio, escrevendo quadros humorísticos, peças dramáticas, e, num período de 10 anos, uma série de radionovelas. Com o fim deste tipo de programação, resolveu converter seu trabalho em livros. Em sua obra, faz uma mistura de ficção e realidade das histórias de sua terra.

Membro da Academia Pedralva de Letras e Artes, Academia Campista de Letras, Academia Pan-Americana - Letras e Artes, União Brasileira de Trovadores, Instituto Campista de Literatura, Instituto Histórico de Campos dos Goytacazes, Cenáculo Fluminense de História e Letras, Academia Itacarense de Letras, Instituto de Letras e Artes "Dr. José Ronaldo do Canto Cyrillo" e Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal.

Obra:

"Nilo Peçanha: Campos na história" – Rádio Teatro magnífico – 1967

Só, na multidão – (edição lançada em 2005) – 1984

Gente que é nome de rua – vol. 1 – 1985

Na terra dos heróis – nº 1 – 1987

Gente que é nome de rua – vol. 2 – 1988

O escravo cirurgião – novela – 1988

Contos & cantos – 1989

Campos depois do centenário vol 1 – 1991

Viagem do Amor (International Writers and artists association) – 1992

Rua que não é nome de gente – 1993
Praia de São Thomé (livrete) – 1994
Roda dos expostos – 1994
O sorteado – 1994
Campos depois do centenário – vol 2 – 1995
Na terra dos heróis – nº 2 - 1996
Resenha – livros – 1996
Contos de graça – 1997
Até que chegue a primavera – 1997
Qualquer semelhança (contos) – 1997
Padre Nosso – (biografia do Padre Rosário) – 1998
Pra matar o tempo – 1998
Revista da Ac. Campista de Letras – Amélia Gomes de Azevedo seu patrono – 1999
Na terra dos heróis – nº 3 – 1999
Campos depois do centenário – vol. 3 – 2000
Milhão, não! (mini-comédia) – 2000
Gente que é nome de rua vol. 3 – 2001
Se não me trai a memória – 2003
O espetáculo – crônicas – 2005

Fonte:

Campos depois do centenário – 1995
Biblioteca Wellington Paes

WELLIGTON PAES



Nasceu em Campos, em 28 de abril de 1931. Escritor, bibliófilo, memorista, arquivista e mecenas. Coursou Medicina no Rio de Janeiro, formando-se em 1958. Pertence a todas entidades literárias campistas. Apaixonado pela história de Campos, possui a mais completa biblioteca de autores campistas naturais ou residentes.

Obra:

Vultos da Medicina campista I – Teixeira de Mello – 1991

A arte de ser médico (+ W. Silva) – 1996

Os 4 imortais campistas na Acad. Brasileira de Letras (+ W. Siq Da + W. Siq. Prof) – 1998

Os 40 patronos da Academia Campista de Letras – 2000

Sociedade Fluminense de Medicina e Ciência – 80 anos de historia + vários autores – 2001

Os 40 patronos da A C L + nossos presidentes – 2009

Wilson Paes – missão cumprida (s/ Wilson) Org. + Walte e Elbert – 2009

Lions Club de Campos – 50 anos de vivência leonística – 1957 – 07 (+ outros) – 2010

Fonte:

Antologia de poetas e trovadores da Academia Pedralva de Letras e Artes – 2005

Pesquisa: Dilcéa Smiderle (Mestre em Políticas Sociais / Uenf)

Colaboração: Welligton Paes (Escritor, memorista e mecenas)

Realização



Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes

Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima



Departamento de Literatura e Biblioteca Municipal Nilo
Peçanha